

INVENÇÃO DA FEMINILIDADE INFANTIL: ATRAVÉS DO OLHAR DA FOTÓGRAFA IRINA IONESCO

Adeilson Vital¹

O Presente estudo tem como objetivo fazer interface entre arte e psicanálise. Iremos analisar a obra da fotógrafa Irina Ionesco, relacionando alguns conceitos e termos abordados pela teoria Psicanalítica. É importante ressaltar que não pretendemos discutir todos os aspectos possíveis apresentados na obra da autora. Para essa análise focaremos nos textos sobre a feminilidade e o estranho desenvolvido por Freud. Daremos também notável consideração sobre os escritos de fotografia de Roland Barthes, e erotismo de George Bataille, contribuindo assim, para o desenvolvimento desse trabalho.

Irina Ionesco é uma fotógrafa francesa polêmica e renomada, que se destacou na década de 70 e 80 por tirar fotos de nu artístico da sua filha Eva Ionesco dos 5 aos 10 anos. Seu reconhecimento como artista na época, foi reconhecido devido a ousadia em expor sua filha em poses sensuais e eróticas, como também em enfatizar nitidamente a sexualidade infantil. Para compreendermos melhor o que significa o conceito de fotografia utilizaremos a obra *A câmara clara* de Roland Barthes, para posteriormente fazer interfaces com os conceitos psicanalíticos. Sobre fotografia o autor relata que:

A imobilidade da foto é como o resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: o Real e o Vivo; ao atestar que o objeto foi real, ela induz sub-repticiamente a acreditar que ele está vivo, por causa desse logro que nos faz atribuir ao Real um valor absolutamente superior, como que eterno; mas ao deportar esse real para o passado (“isso foi”), ela sugere que ele já está morto. (BARTHES,1984,p.118).

Essa citação é interessante para pensarmos a relação entre Real, Vivo e Morto nas fotos produzidas por Irina Ionesco. Se a foto é capaz de emergir um passado que se foi no presente que se é, tornando assim, a imagem real. Poderíamos pensar que esse retorno do passado ao presente na fotografia é um recurso do inconsciente para a realização dos desejos do sujeito que atuam suas fantasias. Não é apenas ato, mas representação dele que realiza desejo. Neste sentido, a imagem morta e revivida revela

¹Graduado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e Pós-graduando em Clínica Psicanalítica pelo CESMAC.Email: adeilsonvital@hotmail.com

que a foto jamais poderá ser equivalente ao Real, pois a imagem capturada pela câmera atinge os limites do imaginário e simbólico. Ainda segundo autor:

A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu. (BARTHES,1984, p.123).

Barthes diz que a fotografia não rememora o passado porque a foto é apenas um recorte da realidade captada pela câmera, é pelo olhar do fotógrafo que ele constrói sua própria realidade. Sendo assim, a fotografia tem o intuito de restituir um passado que não aconteceu, mas, que “está lá”, se manifestando continuamente das mais variadas formas, mesmo que seja estranho ou incomum.

Talvez a estranheza encontrada na obra de Ionesco seja pelo fato da artista trazer à tona para a discussão a sexualidade Infantil que tanto foi negligenciada e negada desde a época que Freud desenvolveu sua teoria. As fotos apresentam um erotismo que está envolto entre a ingenuidade e pureza com aspectos lascivos e luxuriosos. Além disso, a expressão do rosto e as roupas utilizadas pela menina está imerso no ar de mistério sombrio, ativo e dominante.

Podemos questionar, o que essa mãe quer mostrar de sua filha? Talvez as fotografias sejam o espelho de fantasias sexuais infantis da mãe não superadas do complexo de Édipo. Ou seja, mostrar a filha em poses sensuais remete há um desejo que busca satisfazer através da arte.

Freud 1996, no texto *O estranho* discorre sobre essa sensação de estranheza entre o familiar e desconhecido, segundo o autor a reaparição de algo que por muito tempo era conhecido mas que, por algum motivo, foi recalçado, e que ao vir à tona se tornou pavoroso. Esse sentimento para Freud deve-se ao retorno do recalçado, que está relacionado principalmente à castração, à compulsão, à repetição e a medos ancestrais parcialmente superados. Vemos na fotografia de Ionesco, uma tentativa de romper com esses conteúdos recalçados criando outra forma de expressar a feminilidade.

Essa inquietante estranheza provocada pela imobilidade do sujeito frente as necessidades do desejo, pode provocar resultados inimagináveis principalmente quando é sublimado através das artes. Tal modo que, o inacreditável aparece como real, o simbolizado faz o estranho assumir sua forma. Quando visualizamos as fotografias de Ionesco temos a sensação que aquilo que vejo realmente existe.

Segundo Freud 1996, a organização genital infantil é fálica transcorrendo até puberdade. Durante essa fase a menina sente-se rejeitada e inveja do menino por não ter um pênis tão grande quanto o dele. Pênis esse que representa o falo símbolo de poder, virilidade e atividade. A ideia de ter sido castrada sem saber ao certo o motivo, e ao perceber que o mesmo não aconteceu ao seu irmão, leva a invejá-lo devido a suposta preferência dos pais. O Autor sugere que “Para ambos os sexos, entra em consideração

apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (p.74).

Neste sentido, a menina não se reconhece como uma garota que tem vagina, mais como uma garota que tem um pênis pequeno (que no caso é o clitóris). Ou seja, a lógica fálica estabelece numa relação de ter ou não ter o pênis (falo), pode-se dizer que a vagina não existe na infância, esse sentimento de falta fará com que a menina busque respostas para entender o porquê dela ter sido castrada, ou porque os pais preferiu seu irmão, ou até mesmo se terá um pênis tão grande quanto dele. Esses questionamentos irá repercutir na menina durante toda a infância, chegando a uma certa “ausência de feminilidade”.

Pode-se considerar que essa ausência da feminilidade, ocorre devido a negação da sua genitália, o discurso na infância da menina está submetido através do imperativo do falo. Mas, Ionesco, questiona essa passagem da infância, criando uma imagem de feminilidade fora do lugar na exposição das fotografias. A feminilidade propriamente dita, da obra da fotógrafa, só vai surgir a partir da puberdade. Tornando-se agora objeto de passividade e submissão. O objetivo agora não é mais ter o pênis igual ao garoto, mas, sim de reconhecer a castração e assumir que ela tem um órgão genital (vagina) diferente ao dele. Entretanto, a feminilidade assume uma posição de receptividade e total servidão. Como indica a seguinte citação:

Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completa mento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero. (FREUD, 1996, p.76).

Percebe-se que em termos de funcionalidade a vagina assume papel importante para a espécie. Pois, agora se tornou responsável pelo conforto do pênis, e pela procriação, neste sentido a moça consegue recompensar a falta do pênis, podendo agora ter um filho. A passividade torna-se presente aqui, devido a única função que a vagina pôde assumir nesse momento. Ou seja, não há um erotismo na prática sexual, nem a exploração de outras partes do corpo, assumindo assim, a feminilidade ativamente. Freud no texto *sexualidade feminina* desenvolve o conceito de feminilidade apontando três possíveis alternativas para a sexualidade da mulher quando diz:

Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude, dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade, a segunda leva a auto - afirmatividade à sua masculinidade ameaçada e terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal.(FREUD, p. 123).

A menina reconhece sua inferioridade mais não aceita, reivindica uma posição mais desejável, todavia nem sempre isso ocorre de forma satisfatória. Dentre as três linhas de desenvolvimento indicada acima, o que nos interessa é a feminilidade normal. Pois, é essa linha de desenvolvimento que ampliará as possibilidades da mulher expressar sua feminilidade tanto ativamente quanto passivamente. Importante ressaltar é que nessa fase a vagina não é símbolo máximo de feminilidade, sendo incorporado outras partes do corpo, que até então, não era tido como característica de expressão de feminino.

Podemos observar, diante do que foi exposto, é que o corpo da mulher ganha outras formas de expressão. Ou seja, a vagina não está necessariamente submetida a abrigar o pênis, muito menos de servir apenas para a perpetuação da espécie, sua funcionalidade tornou-se mais ampla podendo ser utilizada exclusivamente para obtenção do gozo. Outro, aspecto relevante é que outras zonas erógenas ganha notoriedade com algo particularmente feminino como os seios, pernas, quadril, o olhar. Portanto, ter uma feminilidade ativa é a renúncia da masculinidade no sentido fálico. Freud no seu texto *Feminilidade* deixou claro esse conceito sugerindo que:

Concluirei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas advirto-os de que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos. (FREUD, p. 67).

O que Freud diz é que confundir feminilidade com passividade e masculinidade com atividade é um grave erro. Pois, nesse momento do seu desenvolvimento a mulher já não mais está inscrita na ordem fálica. A feminilidade ativa portanto, não deve se confundir com a reivindicação do Pênis(falo), mas como uma forma autônoma e particular de exercer sua sexualidade, e o erotismo tem papel fundamental nos diferentes modos de invenção do feminino. Conclui-se então que não se nasce homem ou mulher, mas, a feminilidade ou a masculinidade constitui em um constante devir.

Após exemplificar os principais aspectos sobre o conceito de Feminilidade da obra freudiana passaremos a relacioná-los com as fotografias de Ionesco. Podemos observar que, nas fotografias de Irina Ionesco, há uma nítido desejo manifesto de negação da lógica fálica, como também assume uma feminilidade ativa tornando-se assim uma “pequena-mulher”. A Artista consegue passar da ideia ao ato, impulsionados por desejos insatisfeitos, buscando assim, sua plena realização, mesmo que seja uma correção da realidade insatisfatória.

Em 1977, dois anos depois da publicação das fotos, Irina Ionesco perdeu a guarda da filha. Em 2012 Irina foi condenada por um tribunal de Paris a pagar € 10 mil (R\$ 27,6 mil) por danos e atentado ao direito da imagem e à vida privada de Eva. Atualmente Eva Ionesco, não tem aproximação com a mãe, em 2010 dirigiu o seu primeiro filme *My Little Princess*, que retrata a relação conturbada que teve com sua

mãe durante a infância. Por meados de 2012 ela concedeu uma entrevista ao site Português C7nema, com a qual fiz alguns recortes para explicitar o sentimento de Eva por sua mãe.

Entrevistador: Alguma vez perdoou à sua mãe o que fez?

Eva: Não. Sabe quando alguém lhe faz muito mal, e nunca regressa para pedir desculpa. Nunca me entregou as fotos eróticas. Nunca pediu desculpa, nunca, nunca, nunca...

Entrevistador: Refere-se às fotos que circulam na Internet?

Eva: Sim, mas nunca farei qualquer exposição delas. Sabe, apenas desejo uma coisa: que ela morra. Sempre quis que ela morresse e ficarei feliz quando desaparecer.

A afirmação da feminilidade Infantil expressa através do olhar da fotógrafa, traz consigo o erotismo que segundo Bataille 1987, surge na transgressão da lei instituída, mais para que isso ocorra, é preciso que a lei regule o gozo para que o erotismo, enquanto uma experiência subjetiva surja na busca de um mais-de-gozar. Talvez, a obra de Irina Ionesco, sirva para repensarmos a forma de conceber os possíveis destinos da feminilidade na contemporaneidade, e o quanto pode ser devastadora para criança quando está assujeitada pelo desejo do Outro.

Referências

BARTHES, R. *A Câmara Clara: nota Sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATAILLE, G. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987

FREUD, S. (1919). *O Estranho*. In: Edição Standard Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. 17.

FREUD, S. (1923). *A organização genital infantil*. In: Edição Standard Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. 19.

FREUD, S. (1931). *Sexualidade Feminina*. In: Edição Standard Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. 21.

FREUD, S. (1933). *Feminilidade*. In: Edição Standard Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. 22.

PORTUGAL, Paulo. *Entrevista a Eva Ionesco*. Paris 05 de Julho de 2012. Disponível Em: <http://www.c7nema.net/entrevista/item/31100-entrevista-a-eva-ionesco-eu-nao-sou-a-tua-princesa-a-realizadora-que-nao-tem-problemas-em-dizer-que-a-minha-mae-morra.html>. Acesso em: 22 Set 2013.